

A CONCORDÂNCIA VERBAL DE 3ª PESSOA DO PLURAL NA ESCRITA DE ALUNOS DO 8º ANO

Eliane Gonçalves da Silva de Azevedo
(PROFLETRAS/UESB – Mestrado)

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA
Eliane Gonçalves da Silva de Azevedo é Mestre em Letras (PROFLETRAS) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora de Língua Portuguesa da rede estadual de ensino do município de Vitória da Conquista – BA. E-mail: elinana2177@yahoo.com.br

RESUMO	ABSTRACT
Neste artigo, apresentamos os resultados de uma análise da variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na escrita de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, com faixa etária entre 13 e 15 anos. Pautando-nos no quadro teórico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), utilizamos um <i>corpus</i> composto de produções narrativas escritas, elaboradas pelos alunos em sala de aula, com o propósito de analisarmos – quantitativa e qualitativamente – os contextos linguísticos e sociais que condicionam a variação na escrita formal dos utentes. Por meio dos resultados obtidos na análise, verificamos que a variação está condicionada tanto a fatores linguísticos quanto sociais, sendo os seguintes os grupos que se revelaram mais significativos estatisticamente: (i) quantidade de livros lidos por ano; (ii) nível de escolaridade da mãe; (iii) realização e posição do sujeito; e (iv) saliência fônica, por ordem de significância.	In this paper, we present the results of an analysis of the variation in third person plural in written texts from students of the 8th grade elementary school, whose age group is between 13 and 15 years. Based on the theoretical framework of the Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), we used a corpus composed of written narrative productions, yielded by the students in the classroom, in order to analyze - quantitative and qualitatively - linguistic and social contexts that present a variation in the formal writing of the users. Through the results obtained in the analysis, we verified that the variation is conditioned by both linguistic and social factors, and these are the groups more statistically significant: (i) quantity of books read per year; (ii) mother's education; (iii) realization and position of the subject; and (iv) phonic salience, of level, in order of significance.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Concordância Verbal; Ensino Fundamental, Sociolinguística; Variação.	Verbal Agreement; Elementary School; Sociolinguistics; Variation.

INTRODUÇÃO

Segundo a tradição gramatical, genericamente, a concordância é vista como um processo sintático pelo qual determinado termo sofre flexão quanto às categorias gramaticais de gênero, número e pessoa, para que se estabeleça conformidade morfológica entre este elemento e outro termo com o qual mantém relação de dependência.

Especificamente, em relação à concordância verbal (CV), numa abordagem tradicional, esse fenômeno se baseia, primordialmente, entre dois termos da oração: o sintagma sujeito e o núcleo do predicado verbal, considerando a tipologia do sujeito: simples, composto, indeterminado, desinencial e inexistente, bem como a sua posição na frase: anteposto ou posposto.

Nesse sentido, para Bechara (2004, p. 543): “Diz-se concordância verbal a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes ao predicativo) e o verbo da oração”. Seguindo essa concepção, bem como a obrigatoriedade da marcação de concordância na língua portuguesa, tais fatores têm levado a escola a “alocar” o estudo sistemático da concordância verbal no último ano do Ensino Fundamental, já que em etapas anteriores, os discentes já deveriam ter internalizados os conceitos de “sujeito” e seus tipos, bem como as possibilidades de flexão verbal.

Por outro lado, pesquisas sociolinguísticas da variação na regra de concordância verbal junto à 3ª pessoa do plural, tais como as de Graciosa (1991), de Scherre e Naro (1997), Monguilhott (2001), Naro (1981) e Guy (1981), Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), Vieira (1995), cujos resultados foram interpretados por Lucchesi (2015)¹, são exemplos claros de que a complexidade em se estudar a CV é muito grande, e dependente da exploração de usos variáveis que extrapolam a estrutura frasal, considerando aspectos de ordem semântica e/ou estruturais.

Sob esse ponto de vista, o uso variável da concordância verbal de terceira pessoa do plural (CV de P6), no português brasileiro (PB), tem sido continuamente explorado por pesquisadores das mais diversas regiões brasileiras, com os mais distintos propósitos de estudo, seja sob o enfoque variacionista, seja em abordagens gerativistas.

Via de regra, as pesquisas desenvolvidas sobre a CV enfocam a modalidade falada da língua. A nossa, por outro lado, visa a ampliar o universo de exame deste componente

¹ As interpretações dos resultados desses estudos são realizadas, considerando-se três parâmetros que compõem o conceito de norma sociolinguística, a saber: (i) a frequência de uso das variantes linguísticas (a aplicação ou não da regra de concordância verbal); (ii) a avaliação subjetiva das variantes; e (iii) o diagnóstico de variação estável ou mudança em curso observado em cada segmento social. (LUCCHESI, 2015, p. 250).

morfofossintático, propondo uma análise científica que explore este fenômeno pela vertente da modalidade escrita da língua, tomando, para tanto, produções de alunos de uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental de um colégio estadual do município de Vitória da Conquista – BA.

Assim, alinhados aos estudos de cunho sociolinguístico variacionista (Labov 2008 [1972]), temos como objetivo geral *investigar o fenômeno da variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural que se apresenta na escrita dos estudantes, priorizando, especificamente, analisar os contextos linguísticos e sociais que condicionam esta variação na escrita formal dos utentes.*

Além da Introdução, este artigo se divide em quatro seções. Na primeira, discorreremos brevemente sobre os *pressupostos teóricos* da pesquisa. Em seguida, exporemos os procedimentos metodológicos por nós adotados na investigação empírica. Na terceira seção, evidenciaremos os resultados da análise dos dados do objeto de estudo analisado. Por fim, apontaremos nossas conclusões, bem como o valor do nosso trabalho para quem a ele tiver acesso.

1 APORTE TEÓRICO

O interesse sobre a variação linguística é muito remoto e pode ser sublinhado no pensamento do primeiro gramático da Língua Portuguesa *Fernão de Oliveira*, em sua *Grammatica da Lingoagem Portuguesa (1536)*, sobre a teorização morfológica e lexical, aplicada à língua portuguesa. De acordo com Rio-Torto (2006), nesse trabalho, Fernão de Oliveira (1536) discorre sobre a análise morfológica, sobre a composição interna e a semântica das palavras, bem como acerca da procedência e usos das unidades lexicais.

A análise científica dos fenômenos que caracterizam a variação linguística, conforme Araújo (2014), data do final do século XVIII, a partir das pesquisas realizadas pelo juiz inglês William Jones². Precisamente em 1786, Jones produziu um ensaio no qual observou a semelhança entre o sânscrito, o grego e o latim, apresentando a hipótese de que essas línguas tinham uma origem comum e de que havia a probabilidade de o mesmo ter acontecido com o germânico e o céltico.

No entanto, é apenas na década de 1960 que surge uma teoria que leva em consideração parâmetros sociais e linguísticos como modalizadores da diversidade em

² William Jones, um dos expoentes dos estudos orientais no Ocidente, foi um juiz inglês que exercia funções em Calcutá. Ele descobriu textos hindus antigos e divulgou, em 1786, a hipótese de que as semelhanças entre o sânscrito, o grego e o latim não poderiam ser atribuídas ao acaso e postulou que essas línguas tinham uma origem comum. Nesse sentido, Mounin (1967, p. 164) salienta que outros estudiosos já haviam apontado o provável parentesco entre essas línguas, mas que o mesmo só adquiriu visibilidade a partir da apresentação de Jones à Sociedade de Bengala e, ainda mais, a partir dos trabalhos de Schlegel em 1808. (ARAÚJO, 2014, p. 29).

questão: a *Teoria da Variação Linguística* (pressuposto de análise da *Sociolinguística*), cujos expoentes responsáveis por seu desenvolvimento e expansão foram os linguistas Uriel Weinreich e seus seguidores William Labov e Marvin Herzog.

À Sociolinguística, portanto, cabe o estudo tanto da diversidade quanto da mudança linguística. A ela é reputada, de acordo com Alkmin (2001), a tarefa de confrontar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade.

Tomando a variação linguística como objeto de estudo, os pesquisadores da Sociolinguística o fazem compreendendo-a como um princípio geral e universal das línguas, passível de ser descrita e analisada. Partem do pressuposto de que toda variação é motivada – controlada por fatores –, de modo que a heterogeneidade se torna sistemática e previsível, não havendo espaço para a aleatoriedade. Considerando que em toda comunidade de fala existem variantes, há a necessidade de se sistematizar a heterogeneidade. Dessa forma, o fim principal da Sociolinguística reside em sistematizar variantes linguísticas: “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 2001, p. 8) usadas por uma mesma comunidade de fala.

Nesse ponto, firma-se a ideia de que as mudanças na língua não são exclusivamente motivadas por fatores internos, imanentes, inerentes à estrutura linguística, mas também exibem uma forte motivação social. Para evidenciar essa inter-relação entre língua e sociedade e, ao mesmo tempo, marcar o ponto fulcral de divergência entre a teoria laboviana e as que desconsideraram os fatores extralinguísticos em seus estudos, tomamos as considerações de Mattos e Silva (2004):

O grande avanço da sociolinguística se funda basicamente na sua conceituação de língua como sistema intrinsecamente heterogêneo, em que se entrecruzam e são correlacionáveis fatores intra e extralinguísticos, ou seja, fatores estruturais e fatores sociais (como classe, sexo, idade, etnia, escolaridade, estilo). (MATTOS E SILVA, 2004, p. 209).

Muito embora Labov não tenha sido o primeiro pesquisador a lançar olhares para as questões referentes à investigação linguística pelo viés social, as ferramentas utilizadas por ele para estudar a variação e mudança sincrônica forneceram respostas claras para muitos dos problemas que não haviam sido resolvidos, dadas as postulações restritivas da estrutura linguística empreendidas por estruturalistas e gerativistas, por exemplo.

A seguir, apresentamos uma breve descrição da metodologia utilizada para a realização do estudo.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em nossa pesquisa, a seleção dos informantes se estabeleceu pela consideração da série/turma (8º ano do Ensino Fundamental) e pelo sexo dos informantes: masculino e feminino. A turma, dentre as quais ministramos aulas, foi selecionada pela receptividade e interesse na pesquisa, embora desconhecesse a sua natureza e objetivos.

Dentre a totalidade de alunos (33), selecionamos, aleatoriamente, vinte (20) informantes, dez (10) discentes do sexo feminino e dez (10) do masculino, para que, ao mesmo tempo em que fossem quantificadas as produções analisadas (na mesma proporção), fosse mensurado o uso da CV de P6, considerando a variante *sexo*. A faixa etária dos utentes, que foram identificados pelas iniciais de seus nomes, variou entre 13 e 15 anos.

Os dados que constituíram o *corpus* da pesquisa corresponderam a quarenta (40) produções textuais escritas feitas pelos discentes. A coleta de dados das amostras consistiu na elaboração de textos escritos, em situação normal de sala de aula, com base narrativa, sobre a questão feminina.

Para a constituição do *corpus*, foi tomada como ponto de partida a seleção dos informantes. Em seguida, a partir da temática sinalizada acima, decorreram uma série de atividades que culminaram nas produções textuais, fontes da coleta de dados. Para tanto, consideramos as recomendações dos Parâmetros curriculares Nacionais (PCN), os temas transversais, a faixa etária e possível grau de interesse dos alunos, a partir de um plano piloto.³

Para fins de nosso estudo, estabelecemos como variável dependente a marcação/não marcação da concordância verbal de terceira pessoa do plural, ou seja, a variável binária constituída pelas variantes (+) *presença de marca do plural* – variante padrão e (-) *ausência de marca de plural* – variante não padrão.

Com o objetivo de verificar os contextos favorecedores para as variáveis linguísticas, foram controladas as seguintes: (1) realização e posição do sujeito; (2) concordância nominal do sujeito; (3) indicação do plural no SN sujeito; (4) caracterização semântica do sujeito; (5) tipos de verbo; (6) saliência fônica; (7) forma do último constituinte do SN sujeito que está antes do verbo. Controlamos as seguintes variáveis sociais ou extralinguísticas: (1) sexo; (2) quantidade de livros lidos por ano; (3) escolaridade da mãe; (4) acesso à internet. Os dados coletados foram codificados e analisados estatisticamente pelo programa *Goldvarb-X*.

³ O plano piloto se constituiu da (i) entrega, orientações e preenchimento do *Questionário Socioeconômico*; (ii) apresentação de textos (poesia, música, texto narrativo e cinematográfico) sobre questões ligadas às representações do feminino, com o intuito de suscitar discussões a respeito dos silenciamentos e diversos discursos que se constituíram e que se constituem a respeito da mulher, a partir da sequência abaixo.

Seguindo o percurso lógico por nós elaborado, na próxima seção, são apresentados os resultados da análise quantitativa e probabilística da variação na concordância verbal junto à 3ª pessoa do plural a que foram submetidas as 574 ocorrências do *corpus*, coletadas das produções textuais realizadas.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme pontuado na seção anterior, para fins de análise dos fatores linguísticos e sociais, lançamos mão do grupo binário *presença (+) ou ausência (-) da marca de morfema de terceira pessoa do plural*, considerando a solidariedade entre sujeito e predicado. No estudo, foi detectado um elevado *input*⁴ obtido nas rodadas realizadas pelo *Goldvarb X* – 0.858, o que significa que, no total de todas as ocorrências, 86% são construídas com concordância verbal e 14% construídas sem essa marca, como ilustrado na tabela 1, a seguir:

Tabela 1 – Distribuição geral dos resultados da CV de P6 na escrita dos alunos

	Ocorrências/Total	Frequência
Variante padrão	463/574	86%
Variante não padrão	111/574	14%

Fonte: Elaborada pela autora.

Com base nos dados apresentados na tabela 1, atribuímos à ação da escola sobre a escrita dos estudantes o alto índice de concordância verbal com a presença do morfema de terceira pessoa do plural. Isso acontece, muito provavelmente, por se tratar de produções (escritas e monitoradas) de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, que, por estarem em processo de escolarização, já tiveram bastante contato com produções textuais orais e escritas, bem como com atividades linguísticas e metalinguísticas gramaticais, sobretudo sobre o uso da CV de P6, cujos “desvios” da norma padrão são considerados erros, sujeitos a correções. Estão, portanto, inseridos num espaço propício ao aprendizado das normas prescritas pela gramática normativa.

1.1 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS

No âmbito de nosso estudo, consideramos, preliminarmente, sete variáveis linguísticas e quatro extralinguísticas. Destas, foram selecionados, estatisticamente, como significativos à aplicação da regra padrão da CV dois grupos de fatores linguísticos: (1)

⁴ Como asseveram Guy e Zilles (2007), o *input* “representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente”, (GUY; ZILLES, 2007, p. 238).

saliência fônica verbal e (2) realização e posição do sujeito, e dois extralinguísticos: (1) quantidade de livros lidos por ano e (2) escolaridade da mãe.

Os resultados que revelam o comportamento dos fatores linguísticos e sociais apontados pelo *Goldvarb X* como significativos em relação à presença/ausência de concordância verbal, encontrados nos dados das produções textuais, são apresentados sob a forma de tabelas. Todas as tabelas de resultados são precedidas pela descrição da variável, e nelas são exibidos o número de ocorrências (total e de aplicação da regra), percentual e peso relativo agregado a cada um dos fatores inseridos nesses grupos, os quais aparecem em cada subseção em ordem de relevância. Iniciamos a discussão das variáveis selecionadas estatisticamente com a *quantidade de livros lidos por ano*.

1.1.1 QUANTIDADE DE LIVROS LIDOS POR ANO

A *quantidade de livros lidos por ano* se constituiu como um dos grupos de fatores eleitos em nosso estudo para a análise probabilística realizada, por julgarmos que a leitura seja um dos elementos impulsionadores para o aprimoramento da produção de textos verbais, no nosso caso específico, dos escritos. Agindo dessa forma, estamos tentando comprovar a nossa hipótese de que a leitura seja um fator condicionador da aplicação da regra da CV de P6.

Sobre a nossa pesquisa, as produções dos discentes que declararam ler até cinco livros por ano foram as que mais apresentaram concordância entre verbo e sujeito (90,4% de ocorrências), com peso relativo de .78, seguidas pelos textos dos que disseram ler entre 0 e 2 livros anualmente (77,0%), com peso relativo de .39, basicamente, a metade dos outros. Isso confirma a hipótese de que a quantidade de leitura do utente se relaciona diretamente à escrita segundo os padrões exigidos pela norma culta da língua.

Na tabela 2, encontram-se os resultados da variante em questão:

Tabela 2 – Concordância verbal de acordo com a *quantidade de livros lidos por ano*

Fatores	Ocorrências/Total	Frequência	Peso Relativo
De 0 a 2 livros	322/418	77,0%	.39
De 3 a 5 livros	141/156	90,4%	.78
Total	463/574	80,7%	

Input 0.816 Log likelihood = -274.630 Significance = 0.000

Fonte: Elaborada pela autora.

Os resultados logrados em nosso estudo credenciam o hábito da leitura como um elemento diferenciador dos padrões linguísticos, posto que, do ponto de vista do peso relativo, este foi o grupo selecionado pelo *Goldvarb* como o mais significativo, ou seja, este

é o que mais favoreceu a ocorrência de concordância entre verbo e sujeito.

1.1.2 ESCOLARIDADE DA MÃE

O controle da variável *escolaridade* é bastante recorrente em estudos sociolinguísticos brasileiros, sendo este fator considerado por pesquisadores, como, por exemplo, Bortoni-Ricardo (2004, p. 48) como elemento influenciador no repertório linguístico dos indivíduos, estando ele intimamente ligado ao seu *status* socioeconômico.

Em nosso estudo, o controle dessa variável é realizado a partir do nível de escolaridade da mãe, tendo em vista que todos os nossos informantes são alunos de uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental, estando, portanto, no mesmo nível escolar. Além disso, por meio do questionário socioeconômico, observamos que boa parte dos informantes desta pesquisa (no caso de alunos cujos pais são divorciados e/ou separados) convive apenas com a mãe ou responsável do sexo feminino.

Ao optarmos por controlar apenas a variável *escolaridade da mãe*, procuramos observar qual a influência deste fator no comportamento linguístico dos utentes, tendo em vista que, muito embora estejamos vivendo no século XXI, a mãe ainda é a principal responsável pela educação dos filhos, conforme dados atuais de pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁵ e de estudos como *Retratos da Leitura no Brasil* (edição de 2015),⁶ que mostraram que o predomínio expressivo da figura feminina como principal responsável pela criança no domicílio ainda continua.

Na perspectiva de comprovarmos a hipótese de que quanto maior for o grau de escolaridade da mãe, maior será o nível de aplicação da concordância verbal padrão dos utentes, delimitamos as situações seguintes: (i) nível de escolaridade da mãe no Ensino Fundamental I (antigo primário); (ii) nível de escolaridade da mãe no Ensino Fundamental II (antigo ginásio); (iii) nível de escolaridade da mãe no Ensino Médio; (iv) nível de escolaridade da mãe no Ensino Superior.⁷

Podemos visualizar nos resultados expostos na tabela 3, a seguir, a significância da variável *escolaridade da mãe* para a nossa pesquisa:

⁵ Dados do Censo Demográfico de 2015, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), confirmaram uma tendência já percebida nas últimas pesquisas realizadas pela entidade: de que, em relação às famílias brasileiras, continua o predomínio expressivo da figura feminina como principal responsável pelas crianças no domicílio. O *Suplemento Aspectos dos cuidados das crianças de menos de 4 anos de idade*, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2015, aponta para que, em 2015, das 10,3 milhões de crianças brasileiras com menos de 4 anos, 83,6% (8,6 milhões) tinham como primeira responsável uma mulher (mãe, mãe de criação ou madrastra).

⁶ De acordo com os resultados balizados pelo estudo *Retratos da Leitura no Brasil* (edição de 2015), a mãe, ou outra responsável do sexo feminino, é considerada como a principal incentivadora para o despertar do gosto pela leitura. Cf.: Failla (2016, p. 209).

⁷ Ao tratar da variável *escolaridade da mãe*, optamos por utilizar a terminologia *Ensino Fundamental* em substituição a *primário* e *ginásio*, embasados nas orientações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), que estabeleceu a nova nomenclatura. A divisão em *Ensino Fundamental I* e *Ensino Fundamental II* é uma estratégia comumente adotada para diferenciar os dois níveis de escolarização: *primário* e *ginásio*, respectivamente.

Tabela 3 – Concordância verbal de acordo com a escolaridade da mãe

Escolaridade da mãe	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Ensino Fundamental II	109/130	83,8%	.32
Ensino Médio	272/348	78,2%	.53
Ensino Superior	65/75	86,7%	.68
Total das ocorrências	446/553	80,7%	
Input 0.809	Log likelihood = -279.817	Significance = 0.134	

Fonte: Elaborada pela autora.

Ao considerar o nível de instrução das mães como fator balizador da CV de P6, os resultados nos mostraram que, embora os dados percentuais não evidenciem uma diferença acentuada entre os níveis de escolarização, eles confirmaram a nossa hipótese inicial, uma vez que a tendência foi de que os informantes cujas mães possuem nível superior de escolaridade registraram um índice maior de concordância em relação aos demais: 86,7%. Os discentes com mães que cursaram o Ensino Fundamental II (do 6º ao 9º ano) realizaram concordância verbal em 83,8% das ocorrências; por sua vez, aqueles cujas mães cursaram o Ensino Médio, 78,2%.

Este é o segundo grupo de fatores mais representativo do ponto de vista do peso relativo, pois os estudantes cujas mães possuem nível superior ou médio de escolaridade são os que mais apresentam a forma verbal no plural, concordando com o sujeito, com pesos relativos de .68 e .53, respectivamente, de acordo com os dados revelados na tabela 3.

Os resultados obtidos por meio do controle desse grupo de fatores mostraram-se relevantes para a nossa pesquisa, na medida em que a variável se revelou favorecedora à aplicação da regra padrão, como postulávamos. Também por suscitar uma reflexão acerca do importante e essencial papel da família no desenvolvimento educacional de seus filhos.

1.1.3 REALIZAÇÃO E POSIÇÃO DO SUJEITO

Ao tratarmos conjuntamente da variável linguística *realização e posição do sujeito*, que é considerada em vários estudos como uma das variáveis mais relevantes para a compreensão da concordância verbal, agimos de tal forma tomando como base estudos realizados por pesquisadores variacionistas, tais como Silva (2005), para quem a posição que o sujeito ocupa na oração depende de sua realização na estrutura frasal. Ou seja, assim como o autor, procuramos mensurar até que ponto a presença de estruturas da língua

pode se situar entre o sujeito e o verbo afetando ou não a aplicação de regra de concordância.

Nossa expectativa a esse respeito é de que a proximidade desses dois sintagmas favoreça a realização da concordância verbal de prestígio. Assim, consideramos, previamente, os seguintes tipos de ocorrência:

- a. Sujeito imediatamente anteposto ao verbo:
 - (1) **Os homens** *instalaram* os chips. (ABOC)
- b. Sujeito anteposto ao verbo com um ou mais constituintes intervenientes:
 - (2) **Elas** *nem* cuidava da casa. (ALPS)
- c. Sujeito com SPrep anteposto ao verbo:
 - (3) **As mulheres** *da cidade* viraram robôs (MAFG)
- d. Sujeito retomado por pronome relativo:
 - (4) Os homens colocaram chips **nas mulheres** *que* não obedecia (ABOC)
- e. Sujeito referencial não-realizado:
 - (5) *sairam* lindas (RNM)
- f. Sujeito imediatamente posposto:
 - (6) Em Stepford *moravam* **famílias tradicionais** (ABOC)
- g. Sujeito posposto ao verbo “ser” sem constituintes anteriores:
 - (7) *Eram* **mulheres perfeitas** (GFA)

Nossa pressuposição quanto à importância da proximidade/distância entre o sujeito e o verbo e da posição do sujeito em relação ao verbo para a presença/ausência de concordância verbal se confirmou nos dados analisados nesta pesquisa: este grupo foi o terceiro mais representativo para a ocorrência dessa variável linguística nas produções textuais dos estudantes, como se observa na tabela 4, abaixo:

Tabela 4 – Concordância verbal de acordo com a realização e posição do sujeito

Fatores	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Sujeito com SPrep anteposto ao verbo	39/44	89,4%	.67
Sujeito anteposto ao verbo com um ou mais constituintes intervenientes	60/70	86,6%	.65
Sujeito imediatamente anteposto ao verbo	252/307	82,1%	.52
Sujeito referencial não realizado	88/123	72%	.36
Sujeito retomado por pronome relativo	10/17	61,1%	.24
Total das ocorrências	453/564	80,3%	
Input 0.811	Log likelihood = -274.581	Significance = 0.008	

Fonte: Elaborada pela autora.

Os resultados deste grupo (cf. tabela 4) nos trazem discussões interessantes. Em primeiro lugar, porque lideram a CV as sentenças em que ocorre o *sujeito preposicionado anteposto ao verbo*: percentual de 89,4%, peso relativo .67, seguido de *sujeito anteposto ao verbo com um ou mais constituintes intervenientes* (86,6% e peso relativo de .65), o que contraria nossa pressuposição inicial: a de que a proximidade entre sujeito e verbo favoreceria a realização da concordância verbal de prestígio. O controle desses dois grupos de fatores, por outro lado, corrobora a hipótese de Naro e Scherre (2007), para quem o uso mais frequente de formas verbais no plural ocorrem quando o sujeito está distante ou posposto ao verbo.

Creemos que o fato de o *sujeito com SPrep* ter sido o mais representativo deste grupo se deve ao tipo de atividade proposta aos alunos, isto é, estes comparam o perfil das mulheres de outras épocas com o das da atualidade a partir do que leram, ouviram e viram, respectivamente, nos textos utilizados na constituição do *corpus*. Daí serem recorrentes em suas produções expressões como “Só as mulheres de hoje” (GLA), “As mulheres do passado...” (ALPS), “Os homens daquele lugar...” (KAAS), “As famílias de lá...” (MCB), “Os homens de Stepford...” (ABOC), o que justifica a alta frequência desse fator; não explica, contudo, o elevado índice de ocorrência de concordância verbal com esse sintagma – o que contraria o esperado, já que os elementos que carregam a marca do plural se encontram distanciados do verbo.

Quanto ao *sujeito anteposto com um ou mais intervenientes*, uma explicação para sua alta incidência com concordância pode se dever à presença do advérbio de negação *não*, que ocorre em 70% das sentenças. Se assumirmos a proposta de Rodrigues (1987), segundo a qual

[...] advérbios como “já”, por exemplo, não separam materialmente os constituintes da oração, pois normalmente precedem o verbo em

português, formando com ele apenas um vocábulo fonológico sem pausa. Esses advérbios funcionam como verdadeiros clíticos verbais, palavras inacentuadas com comportamento clítico no português, dotados de mínima mobilidade na frase (RODRIGUES, 1987, p. 161).

Os casos que envolvem esse fator, na verdade, poderiam ser considerados como de *sujeito imediatamente anteposto ao verbo*; logo, levando à realização de concordância verbal. Essa posição também é tomada por Gameiro (2009) que engloba nessa situação o advérbio *não* e os clíticos (*se, me...*).

As sentenças em que o *sujeito se encontra imediatamente anteposto* ao verbo geraram um percentual de 82,1%, mas um peso relativo neutro de .52, seguidas por aquelas em que acontece um *sujeito referencial não realizado* (72% e peso relativo de .36). Nesses contextos, é esperada a tendência à concordância verbal, pois, como registra Silva (2005, p. 250), “o falante relaciona o elemento anteposto como o sujeito ou o agente da oração e sua presença conduz ao uso da forma de verbo que se adapte a ele”; motivo a que se acresce o fato de o mesmo poder recuperá-lo mais facilmente em sua mente. No tocante ao sujeito nulo, compartilhamos da ideia de Rodrigues (1992) de que, na ausência de um constituinte na posição de sujeito, a marcação do plural (que deixa de ser redundante) recai sobre a forma verbal, de modo a desfazer possível ambiguidade no discurso.

Por fim, encontram-se casos de *sujeito anteposto com uma relativa ou pronome relativo* (61,1% e .24 de peso relativo). Recorremos à análise desenvolvida por Naro e Scherre (2003) para explicarmos esse resultado. Para os autores (que tomam como base a sentença “Tem lugares que já esgotou”), o relativo *que*, em vez de trazer à mente do falante qual é o sujeito da oração, favorecendo a concordância entre eles, mascara a relação sujeito/verbo, inibindo a CV.

Um resultado surpreendente, que contraria o que é esperado em termos de realização de concordância verbal, é que, em todos os casos em que *o sujeito se encontra imediatamente posposto* ao verbo, prevaleceu a concordância do verbo com o sujeito no plural (constituindo caso de *knockout*).

1.1.4 SALIÊNCIA FÔNICA VERBAL

A *saliência fônica*, que, segundo Silva (2005), trata de um princípio que agrega em si tanto elementos fonéticos quanto mórficos, nos níveis de relevância e saliência, além de incluir a tonicidade da estrutura linguística que marca a flexão verbal, tem sido tomada como variável controlada em pesquisas que tratam da concordância verbal tanto no português culto quanto no popular, a partir de 1977, com os estudos de Lemle e Naro, de acordo com o autor.

Tendo como fonte de inspiração as pesquisas de Silva (2005) e Araújo (2014), das quais foram suscitadas postulações que convergiram para a hipótese de que quanto mais material fônico-morfológico for utilizado para marcar a diferença entre singular/plural, mais haverá tendência de marcação do plural, percorremos o mesmo caminho trilhado por esses pesquisadores, controlando os seguintes níveis de saliência fônica:

1. Fora da sílaba tônica (ou oposição menos saliente/acentuada):
 - a. Nível 1. Nasalização sem envolver qualidade da vogal na forma plural. As ocorrências se dão quando a 3ª pessoa do singular termina em *e*: conhece/conhecem; conseguem/conseguem; come/comem.
(8) As mulheres não **depende** de seus maridos (ABOC)
 - b. Nível 2. Nasalização com mudança de qualidade da vogal na forma plural. Acontece quando a 3ª pessoa do singular termina em *a*: estava/estavam; tinha/tinham; ganha/ganham.
(9) **Estavam** sempre bem arrumadas (GLA)
 - c. Nível 3. Acréscimo de segmento no plural. Ocorre quando há acréscimo silábico na forma plural: diz/dizem; quer/querem; sai/saem.
(10) Os textos se **desconstroem** (WCA)

2. Dentro da sílaba tônica (ou oposição mais saliente/acentuada):
 - d. Nível 4. Ditongação e/ou mudança na qualidade: tá/tão; vai/vão.
(11) Elas **vão** trabalhar (ALPS)
 - e. Nível 5. Acréscimo de segmento com supressão da semivogal do singular ou mudança de tonicidade: comeu/comeram; foi/foram; disse/disseram.
(12) Joanna e seus amigos **conseguiram** tirar tudo da cabeça delas (GFA)
 - f. Nível 6. Envolve acréscimo e mudança de raiz, que pode ser completa: veio/vieram; é/são.
(13) Hoje elas **são** mais independentes (NCX)

No âmbito de nossa pesquisa, a *saliência fônica verbal* foi a quarta e última variável selecionada estatisticamente como relevante pelo *Goldvarb X*. No grupo de fatores dessa variável, inicialmente, foram levados em conta os sinalizados acima. Após algumas rodadas, dois fatores foram amalgamados: *ditongação e/ou mudança na qualidade (nível 4)* e *acréscimo de segmento com supressão da semivogal do singular ou mudança de tonicidade (nível 5)*. Agimos dessa forma, por julgarmos que ambos os níveis apresentaram natureza semelhante.

Na amostra estudada, a variável apresentou os seguintes resultados, expostos na

tabela 5 abaixo:

Tabela 5 – Concordância verbal de acordo com a *saliência fônica verbal*

Fatores	Ocorrências/Total	Percentual	Peso Relativo
Nível 1 (conhece/conhecem)	40/47	85,1%	.53
Nível 2 (ganha/ganham)	307/396	77,5%	.44
Nível 3 (quer/querem)	33/40	82,5%	.51
Níveis 4 e 5 (tá/tão, vai/vão; bateu/bateram, foi/foram)	46/52	88,5%	.65
Nível 6 (veio/vieram, é/são)	37/39	94,9%	.80
Total	463/574	80,7%	

Input 0.816 Log likelihood = -275.824 Significance = 0.017

Fonte: Elaborada pela autora.

No concernente aos valores percentuais, todos os níveis favoreceram a concordância verbal - 80,7%. Em primeiro lugar, está o *acréscimo e mudança da raiz, (nível 6)*, com 94,9%, seguido de *acréscimo de segmento com supressão da semivogal do singular ou mudança de tonicidade (nível 5)*, que fora amalgamado com o fator *ditongação e/ou mudança na qualidade (nível 4)*, com 88,5%. A *nasalização sem envolver qualquer qualidade (nível 1)* vem a seguir, apontando 85,1% para os casos com concordância verbal, que também é beneficiada pelo *acréscimo de segmento plural (nível 3)*, com valores percentuais de 82,5%. Em seguida, encontra-se a *nasalização com mudança de qualidade (nível 2)*, com 77,5% das sentenças marcando o plural no verbo. Embora todos os fatores levem à realização de concordância verbal, verificamos uma gradação nos resultados, que vão diminuindo das formas verbais mais salientes em direção às menos salientes.

Quanto ao peso relativo (cf. tabela 5), as formas verbais do nível 6 são as que mais favoreceram a ocorrência da concordância verbal com .80 de peso relativo, seguido das dos níveis 4 e 5, com .65. Esses resultados se conformam com nossa hipótese, pautada na proposta de Naro (1981), visto que as formas plurais que se diferem totalmente de suas formas singulares e que são acentuadas foram as que mais apresentarem marca de concordância verbal. Neste contexto, dentre todos os níveis de *saliência fônica verbal*, o nível 2 foi o único que desfavoreceu a concordância.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentamos os resultados parciais da investigação do fenômeno da concordância verbal de 3ª pessoa do plural na escrita de estudantes de uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental de um colégio estadual do município baiano de Vitória da Conquista, fruto de nossa dissertação de mestrado. A partir da análise dos resultados obtidos, é perceptível que, de um modo geral, nossas hipóteses iniciais para a aplicação das regras de concordância se confirmaram, com algumas exceções.

As duas variáveis sociais que se credenciaram como as que mais favoreceram a aplicação de concordância entre sujeito e verbo (selecionadas pelo pacote de programa *Goldvarb X*) foram a *quantidade de livros lidos por ano* (selecionada como a mais significativa entre todas as controladas, uma vez que os alunos que leram de “3 a 5 livros” foram os que mais utilizaram em seus textos as regras de concordância verbal de prestígio) e o *nível de escolaridade da mãe* (segunda mais significativa). Neste caso, os alunos cujas mães cursaram o “Ensino Superior” foram os que mais impeliram a concordância verbal.

Esses corolários ratificam a importância da leitura e da escolarização para o desenvolvimento intelectual e social dos indivíduos: a leitura, como um dos elementos impulsionadores para o aprimoramento da produção de textos verbais; a escolarização, como elemento influenciador no repertório linguístico dos indivíduos, estando ele intimamente ligado ao seu *status* socioeconômico, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 48).

Do ponto de vista linguístico, foram selecionadas como significativas, pela ordem de importância, as variáveis *realização e posição do sujeito* e a *saliência fônica verbal*. Sobre a primeira variável, dentre os grupos de fatores que a constituíram, o que impulsionou a aplicação da CV foi o “sujeito preposicionado anteposto ao verbo”, seguido do “sujeito anteposto com um ou mais intervenientes”. Por outro lado, os fatores “sujeito imediatamente anteposto ao verbo”, “sujeito retomado pelo pronome relativo *que*” e “sujeito referencial não realizado” foram considerados como não significativos.

Com relação à segunda variável, nossa pressuposição acompanhou as advindas de grande parte de estudos sociolinguísticos que trataram nosso fenômeno de estudo como tema de suas pesquisas: a de que a aplicação da marca de plural tende a aparecer com mais frequência, quando a oposição de formas verbais for mais saliente. No entanto, apesar de o “nível 6” de saliência ter sido o que mais condicionou a aplicação da regra, aconteceu reconfiguração hierárquica dos nossos dados. Além disso, o “nível 2” desfavoreceu a concordância.

Nossa expectativa, com relação à investigação aqui empreendida, é de que ela possa servir como fonte de pesquisa para aqueles que se interessam em compreender os fatores que atuam sobre a língua, quer tenham ou não formação específica nas proposições da Sociolinguística Variacionista, especialmente, aos professores de Língua Portuguesa de

todos os níveis da educação.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. M. Sociolinguística (Parte I). In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21-47.

ARAÚJO, S. S. de F. **A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-Ba: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro**. 342 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2014.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. 14. reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

FAILLA, Z. (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

GAMEIRO, M. B. **A variação da concordância verbal na terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio: uma avaliação de fatores linguísticos e sociais**. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Araraquara, 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades@**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=293330&search=bahia|vitoria-da-conquista|infograficos:-dados-gerais-do-municipio>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, D. **Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

MATTOS E SILVA, R. V. Variação, mudança e norma. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 209.

NARO, A. J. “The social and structural dimensions of a syntactic change”. *Language*. LSA, 1981. pp. 63-98.

NARO, A.; SCHERRE, M. M. P. A relação verbo/sujeito: o efeito máscara do que relativo. In: HORA, D.; COLLISCHONN, G. **Teoria Linguística: Fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003, p. 383 – 401.

NARO, A.; SCHERRE, M. M. P. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

RIO-TORTO, G. **Fernão de Oliveira: um Humanista genial**. Universidade de Aveiro, Centro de Línguas e Culturas, 2009. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/14684/1/Actualidade%20do%20pensamento%20de%20Fern%C3%A3o%20de%20Oliveira.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

RODRIGUES, A. C. S. **A concordância verbal no português popular em São Paulo**. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 1987.

RODRIGUES, A. C. S. **Língua e contexto sociolinguístico: concordância verbal no português popular de São Paulo**. Publicação do Curso de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Araraquara: UNESP- Campus de Araraquara, n. 2, p.153-171, 1992.

SILVA, J. A. A. da. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia**. 323 p. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2005.

TARALLO, F. L. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.

